



3º domingo depois da Epifania

(23/01/05)

1ª leitura (Antigo Testamento) – Amós 3.1-8

Amós viveu numa época de breve prosperidade econômica de Israel sob Jeroboão II (787-747). O comércio tornou-se extremamente dinâmico e lucrativo (8.5). Mas aumentaram também as fraudes (3.15). A indústria da construção também cresceu com casas luxuosas. A criação de gado e a atividade vinícola foram orientadas para atender às demandas dos consumidores de poder aquisitivo elevado. Os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres. Veio a exploração e os devedores se tornaram escravos. Seus direitos foram violados com a intimidação e suborno de testemunhas. Enfim, a justiça de Deus também foi violada.

v.1-2. A denúncia de Deus pressupõe que o povo eleito não está cumprindo com sua missão. Foi chamado para ser a proposta de Deus ao mundo, mas a realidade não condiz com a chamada e vocação. Através do profeta, Deus está exigindo uma prestação de contas. Deus falou e, por isso, o profeta tem de falar. É chamado a cumprir sua missão. Amós expõe essa necessidade por meio de metáforas conhecidas na cultura do seu povo. Isto pressupõe que ele foi questionado.

Vs. 3-8. Como dois caminhantes podem andar juntos se previamente não se encontraram e se consentiram em andar juntos? O profeta diz o que ele diz da parte de Iahweh porque ele conheceu Iahweh e este o enviou.

O rugido do leão é uma experiência conhecida pelos criadores de gado e estava no repertório do povo. O rugido é o sinal de que o leão já abateu sua presa e intimida outros a não se aproximarem dele. Só ruge após o ataque. O outro exemplo vem da caça. Não se levanta o laço se um pássaro não for lá bicar a isca. Falou o Senhor. Quem não profetizará? A coleta deste Domingo expressa a súplica pela graça para responder prontamente o chamado. Mas para quê? Para anunciar a todos a boa nova da Salvação (ST).

2ª leitura (Epístola) – I Coríntios 1.10-17

Com base na mensagem enviada pelos membros da casa de Cloé, o apóstolo percebe a formação de grupos rivais que põem em perigo a unidade da Igreja e impedem a comunidade prosseguir na sua vocação até a consumação ou revelação final da obra de Deus em Jesus Cristo (1.8-9). Diante disso o apóstolo inicia a conversação com eles e recorre, por vezes, à ironia. A questão não está na riqueza dos dons e nem na diversidade, mas na vanglória ou pretensão de superioridade diante de Deus e diante das pessoas com a exaltação de seus "conselheiros espirituais" preferidos como Apolo, Cefas, e Paulo, revelando a rivalidade pelo poder. Atrás disso, está o apóstolo dizendo à Igreja de Corinto, está a inspiração do espírito



do século, espírito de dominação, manifesto nos “poderosos” deste século, que crucificou Jesus (2.8).

Esse acontecimento na Igreja traduz, na visão do apóstolo, adoção de um critério contrário ao Evangelho, isto é, a sabedoria de palavra ou sabedoria dos “poderosos deste século”, (vs.17). Ao contrário da “sabedoria” que revela a arrogância humana, a Boa Nova do Cristo ou Messias crucificado deve construir uma comunidade, comunhão/koinonia, onde os fracos, e os desprezados têm importância como expressão do cuidado fraterno uns pelos outros (12.22-25).

O vs.17 parece indicar a raiz da criação de facções que podem dividir a Igreja. Em função do vs.13 parece Paulo dizer que ele não foi batizar em nome dele, mas anunciar o Evangelho do Cristo crucificado. Não é a negação da importância do Batismo, mas a afirmação sucinta do Batismo como ele e a Igreja entendiam. Isso pode ser observado em Romanos 6.3ss; 1Co 12.13; Gl 3.27. (ST).

Santo Evangelho (Mateus 4.12-23)

Mateus destaca o fato de Jesus fixar residência em Cafarnaum. Está interessado no cumprimento da profecia de Isaías de que uma grande luz um dia haveria de raiar sobre essa oprimida região, já antes arrasada pelo invasor assírio (Is 9.1-7). A seqüência litúrgica é clara e mais uma vez nos convida a refletir sobre a expansão missionária. Aqui, a luz de Cristo começa a brilhar no extremo norte, região de trevas e morte e que nem mesmo o Batista havia alcançado.

Porém, o cerne da pregação de Jesus é o mesmo de João Batista: arrependimento face à proximidade do Reino. O que o distingue do Batista é o ministério da curas. Significa hoje, o ministério da beneficência que sai em confronto com os poderes do mal e com tudo aquilo que diminui o ser humano. Quem segue a Jesus deve necessariamente aprender a envolver-se com os sofredores. Isso, de fato, é uma boa-nova, pois o anúncio de Cristo devolve ao povo oprimido o ânimo e a esperança.

O versículo 17 traz a frase de ligação “Daí por diante” (*apo tote*), repetida em Mt 16.21, onde o evangelista registra que “desde esse tempo” ou “daí por diante”, Jesus começou a ensinar seus discípulos a respeito da necessidade de sua morte. Parece, portanto, que 4.17 deve ser considerado como um sumário do ensino público de Jesus durante a primeira parte de seu ministério (fase galilaica).

Registra-se aqui o chamado dos primeiros apóstolos. Sua missão agora é envolver-se com o resgate dos seres humanos. Por isso “pescadores de homens”. Na literatura bíblica, o mar é símbolo das nações (ver Isaías e Apocalipse). Enfatiza-se aqui a dimensão missionária e universalista do ministério apostólico: lançar redes e reunir todos os povos no caminho do Cristo. A prontidão dos primeiros discípulos em aceitar o seguimento de Jesus (“imediatamente”) sugere a urgência de mudança de comportamento face à pregação do Reino e também a urgência missionária. Na construção do Reino, Jesus não quer estar sozinho, mas conta conosco. (CEBC).